

À PROCURA DA BELEZA: O EXÍLIO DE ANTÓNIO BOTTO

Maria Lúcia Outeiro FERNANDES*

- **RESUMO:** O esteticismo bottiano, sobejamente enfatizado por dois dos críticos mais empenhados em apontar as qualidades de sua poesia, Fernando Pessoa e José Régio constitui um dos aspectos mais relevantes do seu lirismo e decorre do anseio de criar beleza por meio da arte. À essa busca incessante pela beleza corresponde uma constante experiência do exílio. O propósito desta apresentação é ressaltar pelo menos três sentidos diferentes tanto para o termo “beleza”, quanto para o termo “exílio”, invocados no título. Ambos podem ser lidos num sentido mais abstrato de um ideal de vida, que paira acima das agruras do mundo real. Ambos podem ser relacionados com o trabalho do poeta, em busca de uma linguagem singular, que expresse efetivamente sua identidade lírica, sua visão de mundo e que identifique esteticamente a sua obra. E ambos podem se relacionar à procura de um espaço efetivo no qual um ser humano busca encontrar as condições necessárias para uma vida digna, mesmo longe de seu país de origem. Todas essas conotações serão entrelaçadas neste texto.
- **PALAVRAS-CHAVE:** António Botto. Exílio. Esteticismo. Homoerotismo. Poesia lírica portuguesa.

Não me revolto,
Nem desespero.
– Quero morrer em beleza.
(António Botto)

O propósito desta apresentação é ressaltar pelo menos três sentidos diferentes tanto para o termo “beleza”, quanto para o termo “exílio”, invocados no título. Ambos podem ser lidos num sentido mais abstrato de um ideal de vida, que paira acima das agruras do mundo real. Ambos podem ser relacionados com o trabalho

* Professora Associada Livre-Docente do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas (DLLLLC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil – outeiro.fernandes@unesp.br.

do poeta, em busca de uma linguagem singular, que expresse efetivamente sua identidade lírica, sua visão de mundo e que identifique esteticamente a sua obra. E ambos podem se relacionar à procura de um espaço efetivo no qual um ser humano busca encontrar as condições necessárias para uma vida digna, mesmo longe de seu país de origem. Todas essas conotações serão entrelaçadas na minha fala.

Tomando primeiro o sentido mais geral dos termos, é necessário ressaltar que Antônio Botto nunca utiliza a palavra exílio, mas utiliza muito o termo beleza. Numa entrevista, dada para o *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, em setembro de 1947, ele afirma: “Sou contra o modernismo e a favor da beleza”. Beleza traduz para Botto um ideal a ser atingido sempre, tanto na sua criação poética quanto na vida real.

O mais importante na vida
É ser-se criador – criar beleza.

Para isso,
É necessário pressenti-la
Aonde os nossos olhos não a virem.
Eu creio que sonhar o impossível
É como que ouvir a voz de alguma coisa
Que pede existência e que nos chama de longe.

[...] (BOTTO, 1975, p. 67)

Desde o início do seu aparecimento na cena literária lisboeta, Botto procurou se autoafirmar como poeta que cantava a beleza. Muitos estudiosos de sua obra costumam ressaltar como tudo o que ele produzia primava pela qualidade estética, visível desde o aspecto gráfico das edições até a elaboração cuidadosa dos poemas. Tudo transpirava uma sensibilidade singular e um inegável requinte artístico. Contrastando com os múltiplos aspectos disfóricos da sua biografia e do seu contexto, marcado por muito preconceito e rejeição, por causa da sua homossexualidade, jamais escondida no armário, mas sempre vivida de modo aberto e autêntico, essa busca da beleza nos revela um poeta que se recusava a deixar que o obscurantismo e a intolerância do meio social em que vivia calassem o desejo de enfatizar a beleza, que buscava tanto nas suas experiências artísticas, quanto no seu estilo de vida. É como se, para fugir às feias decepções da vida, Botto buscasse exilar-se voluntariamente num plano paralelo à realidade, cuja porta de entrada lhe era facultada pela arte poética. É o que se pode depreender, por exemplo, do poema

A fatalidade,
Várias vezes,
No meu caminho aparece;
Mas,
Não consegue perturbar
A minha serenidade.

Somente,
No meu olhar,
Poisa e fica mais tristeza.
Não me revolto,
Nem desespero.

– Quero morrer em beleza.
(BOTTO, 1975, p. 104)

O que mais interessa, porém, a quem deseja conhecer a obra poética de António Botto é o sentido da beleza e do exílio como aspectos relevantes do próprio processo de criação, durante o qual, o poeta se instala por assim dizer no espaço específico da língua. Ele se exila momentaneamente de uma realidade extrínseca para criar, usando todos os recursos que a língua lhe oferece, e não somente a língua que ele fala, mas a linguagem num sentido mais geral. O poeta vai mobilizar uma série de recursos linguísticos e culturais com os quais vai criar seus universos ficcionais. Essa é a atividade que caracteriza o escritor.

O termo beleza, aqui, passa a significar a busca de uma forma ideal para expressar as experiências líricas desse sujeito que se instala no centro do processo de criação. Em relação a esse processo de criação e os produtos que dele surgem, a primeira coisa que impressiona quando se lê a obra de António Botto é que, sob o estilo aparentemente desprezioso, transparece uma inegável consciência crítica do poeta que busca uma composição rigorosa e afinada com várias tradições líricas lusitanas desde o Trovadorismo.

Embora as informações biográficas falem do autodidatismo do escritor, da sua pouca educação formal, isso não significa que a concepção de poesia bottiana seja simplista ou ingênua, nem que se configure como mera expressão de emoções ou confissão apaixonada de experiências amorosas. Ao contrário, as composições líricas de Botto revelam domínio de procedimentos técnicos e formais, denotando considerável conhecimento sobre linguagem poética. Sua dicção revela até mesmo certo intelectualismo, principalmente quando utiliza recursos como a ironia e o distanciamento crítico do sujeito em relação ao objeto focalizado, ou quando faz comentários metapoéticos acerca do próprio texto, do seu processo de criação e da sua postura como poeta.

O esteticismo bottiano foi sobejamente enfatizado por dois dos críticos mais empenhados em apontar as qualidades de sua poesia, Fernando Pessoa e José Régio. No momento em que a obra de António Botto sofria intensa perseguição por parte de grupos conservadores, afinados com os ideais que levariam à ditadura salazarista, Pessoa iniciou veemente defesa do esteticismo de origem grega que, segundo ele, constituía um dos aspectos mais relevantes do lirismo bottiano. Segundo Pessoa, o ideal de beleza nasce da “consciência da imperfeição da vida” e “fazer arte” equivale “a querer tornar o mundo mais belo, porque a obra de arte, uma vez feita, constitui beleza objetiva, beleza acrescentada à que há no mundo” (PESSOA, 1986, p. 348-349). O esteticismo bottiano fica muito claro quando ele próprio procura explicitar as bases de uma poética, como faz no poema inicial do livro *Pequenas Esculturas*:

Busco a beleza na forma;
E jamais
Na beleza da intenção
A beleza que perdura.

Só porque o bronze é de boa qualidade
Não se deve
Consagrar uma escultura.
(BOTTO, 1975, p. 93)

A beleza da arte não está na natureza nobre dos materiais utilizados, nem nas intenções extrínsecas ao texto, mas decorre do trabalho que o artista empreende na busca de uma expressão formal, na elaboração da realidade material dos poemas. Em outras palavras, decorre do fazer poético em si, que mobiliza recursos da linguagem para criar um discurso poético singular, capaz de gerar efeitos estéticos.

Embora haja um predomínio absoluto da sensibilidade e uma recorrência marcante do corpo e do desejo na poesia de Botto, suas composições nunca resvalam para o caos ou para a falta de controle do eu-lírico acerca dos temas tratados. Há sempre uma postura de análise e de juízo crítico acerca dos assuntos relativos à sua sensibilidade e ao desejo de expressão, o que o aproxima dos ideais de distanciamento do sujeito poético na lírica moderna. Entretanto, a singularidade da poesia de António Botto, que lhe trouxe tanta popularidade e, ao mesmo tempo, tanta rejeição, decorre principalmente da encenação que empreende do homoerotismo. Pode-se dizer que o homoerotismo é o principal elemento desencadeador de um sujeito poético no processo de criação de Botto. Não se trata apenas de um tema, mas de um elemento estruturador das composições poéticas em todos os níveis.

De qualquer modo, é notável a capacidade de Botto em criar emoção por meio da imaginação, entendendo-se por imaginação, como ocorria em Fernando Pessoa,

uma atividade desenvolvida por meio de uma consciência sempre atenta, embora sempre conectada às experiências de vida reais. Mesmo quando fala do delírio que toma conta dos amantes, o sujeito poético nunca perde o domínio sobre a linguagem utilizada para criar o estado de delírio ou outras situações que envolvem os jogos do amor.

Além do esteticismo, outra fonte para as dramatizações empreendidas por Botto em seus poemas é o decadentismo finissecular, que ressoa em toda a sua obra, de modo especial no livro *Dandismo*. Há uma série de procedimentos e de elementos temáticos explorados como situações ambíguas e cenas obscuras, que suscitam uma infinidade de sugestões e concorrem para criar um clima de angústia, de pessimismo e niilismo, típicos do imaginário difundido no final do século XIX. Ao contrário dos românticos, o poeta decadentista nunca expressa suas emoções ou sensações de modo direto, mas quase sempre por meio indireto, recorrendo a imagens complexas e sutis. A dramatização que Botto faz da fatalidade e dos desenganos do amor, apoia-se na exploração de cenas repletas de fantasia e sugestões decadentistas.

A noite,
– Como ela vinha!
Morna, suave,
Muito branca, aos tropeços,
Já sobre as coisas descia,
E eu nos teus braços deitado
Até sonhei que morria

E via –
Goivos e cravos aos molhos;

Um Cristo crucificado;
Nos teus olhos,
Suavidade e frieza;
Damasco roxo puído,
Mãos esquálidas rasgando
Os bordões de uma guitarra,
Penumbra, velas ardendo,
Incenso, oiro – tristeza!...
E eu, devagar, morrendo...
(...) (BOTTO, 1975, p. 34-35)

A leitura dos versos acima transporta o leitor para um cenário construído cuidadosamente com símbolos da paixão de Cristo e imagens do delírio, mergulhando-o num clima de sugestões e sensações. O poeta não faz confissão

direta das emoções geradas a partir dos sentimentos decorrentes da paixão amorosa, mas elabora um cenário rico de imagens simbólicas que traduzem as cores e a intensidade das emoções vividas. O eu lírico se distancia da cena para melhor mostrá-la ao leitor.

A visão trágica do amor perpassa todo o livro. Os conflitos insolúveis das paixões estão entre os temas mais relevantes da obra bottiana. Uma ironia sutil e difusa marca as dissonâncias causadas pelos desencantos e desencontros entre amantes. De modo que é possível concluir, como o grande crítico presencialista que, embora seja um esteta, voltado para a expressão da beleza, isso não o impede de ser também um dos “poetas mais humanos” (RÉGIO, 1978, p. 41).

Finalmente, é necessário destacar um terceiro sentido para os termos aqui tratados, “exílio” e “beleza”. Trata-se do exílio voluntário e real de António Botto no Brasil, onde viveu os últimos doze anos de sua vida. Mais do que a beleza tropical, que povoa o imaginário europeu, e muitas décadas antes do surgimento de uma consciência de luta pelos direitos LGBTQs, Botto buscava, em seu exílio no território brasileiro, não apenas o reconhecimento das qualidades estéticas de sua obra, mas o reconhecimento do seu direito de expressar livremente uma forma de viver publicamente e de fazer poesia, que ressaltasse a identidade do sujeito em sua condição gay. Adotaremos esse rótulo, porque o vocábulo “gay” é importante para demarcar uma abordagem das questões de gênero na literatura. Como fundamentação teórica vamos nos apoiar no estudo de Anna Klobucka (2018), professora no Department of Portuguese - University of Massachusetts/Dartmouth, uma das investigadoras mais relevantes da obra e da vida de António Botto, cujo livro, *O mundo gay de António Botto*, que se tornou obrigatório em qualquer bibliografia crítica acerca do poeta português.

Sobre o exílio do poeta, Klobucka faz uma leitura que amplia a visão acerca da obra de António Botto, à medida que incorpora uma fundamentação teórico-crítica que vem de várias áreas contemporâneas, como antropologia, estudos culturais, com relevo para os estudos *queer*, que tratam mais especificamente de questões de gênero, no sentido da sexualidade humana e suas implicações culturais. Nesse contexto de abordagem, Klobucka vai empreender uma análise e uma interpretação bastante originais, não somente da obra de Botto, mas da sua biografia, na qual merece destaque especial a vinda do escritor para o Brasil, em 1947.

Em carta a João das Neves, escritor e dramaturgo brasileiro, Botto assim descreve suas expectativas em torno da mudança: “Troféus de luz me chamavam da capital Federal. O imenso território iluminado emocionou a minha sensibilidade ansiosa de ternura e de sossego”. Não foi isso que aconteceu. A vida de Botto no Brasil foi perpassada por muita penúria, desconforto e desilusão. Surdo e pobre, morreu a 16 de março de 1959 num quarto particular de hospital que lhe foi cedido por caridade, depois de ter sido atropelado numa avenida do Rio de Janeiro.

Apesar das evidências do seu infortúnio em terras brasileiras, é possível, como demonstra Anna Klobucka (2018), conferir uma outra dimensão à vida de António Botto durante os anos que viveu entre Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo a investigadora, a vinda de Botto para o Brasil tem relevo especial para uma possível história da formação de certa comunidade afetiva internacional de artistas, composta por homens homossexuais, nomeados por Botto como seus pares e admiradores. Alguns desses contatos foram fictícios, criados pela imaginação. No espólio de António Botto, sob a guarda da Biblioteca Nacional, em Lisboa, encontram-se muitos indícios dessas amizades imaginárias com artistas e escritores reais, tais como cartas, bilhetes, textos críticos. Ao contrário da maioria dos críticos, que atribui esses textos ao narcisismo e megalomania do poeta, Klobucka interpreta o curioso material como parte de um projeto do escritor para criar em torno de si um mundo todo seu, no qual poderia viver com dignidade e segurança, entre seus pares, a identidade de sujeito gay. Entre os amigos mencionados por Botto merecem destaque o bailarino russo Vaslav Nijinsky e o poeta espanhol Frederico Garcia Lorca, ambos tratados por ele como suas almas-gêmeas.

Botto tinha coleção de fotografias do bailarino russo, recortadas de jornais e revistas. Klobucka identifica em alguns de seus poemas certas características que evocam figurinos usados por Nijinsky em seus espetáculos, como nos versos abaixo:

[...]
Os meus ombros florentinos
Cobertos de pedraria,
Deixavam –
Escorrer pelo meu corpo
Certa luminosidade fria...
Nas minhas mãos de cambraia
As esmeraldas cintilavam
E as pérolas
Nos teus braços
Murmuravam...
[...]

(BOTTO, 1975, P. 43-44)

É possível perceber, pelos versos do poema, que não somente detalhes dos figurinos, mas toda uma atmosfera criada pelo universo da dança, incluindo a beleza exuberante dos corpos, realçada pelo brilho e esplendor do vestuário, são evocados no texto bottiano. Sugestões como estas, que podem levar à melhor compreensão das imagens e da linguagem, na poética de Botto, carecem ainda de investigação

e estudo mais amplo e aprofundado, que cotejasse os textos líricos com outras informações encontradas no espólio do escritor.

Ao contrário da amizade fictícia com o bailarino russo, porém, outros contatos de Botto com escritores e artistas importantes foram verdadeiros. A sua chegada ao Brasil foi precedida de várias reportagens sensacionalistas em diversos jornais que informam acerca da sua vinda e o tratam como o maior poeta português vivo. E, a despeito de não ter tido ninguém para recepcioná-lo em seu desembarque, Botto estabeleceu uma rede concreta de afetos literários e pessoais aqui, que merece uma leitura mais atenta.

A edição do *Correio da Manhã*, de 03 de fevereiro de 1956, noticia a cerimônia de boas-vindas que Botto recebeu da Academia Brasileira de Letras, com discursos laudatórios de João das Neves e Manuel Bandeira. Diversos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades brasileiras dedicaram reportagens e diferentes tipos de textos ao poeta português, vários deles escritos por escritores de renome. O noticiário desses jornais também informa sobre os convites que Botto recebia para banquetes, recepções, eventos e homenagens.

Entre os escritores que escreveram sobre António Botto nos jornais brasileiros, na época em que aqui viveu, que comprovam sua rede de amizades literárias, merece destaque Carlos Drummond de Andrade. Nesse período, Botto continuou vivendo de suas publicações em jornais portugueses e brasileiros, de participações em programas de rádio, bem como de recitais de poesia em teatros, associações, clubes e até em boates e bares. Os amigos escritores foram essenciais para essa atuação de Botto no Brasil.

Entre as diversas crônicas escritas por Drummond sobre António Botto, merece atenção especial a que ele escreveu para homenageá-lo por ocasião de sua morte, com o sugestivo título de “Bôto: Um Príncipe”¹, publicada no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 19 de março de 1959:

Não me interessa discutir se o Bôto dos poemas finais valia ou não o Bôto triunfal de outros tempos. Interessa-me essa fidelidade do poeta a si mesmo, esse orgulho de não renunciar à poesia e de se considerar um príncipe do mundo, esse poder de manipular mitos e dar-lhes uma existência, uma densidade social. Nesse sentido, coube-lhe uma forma de felicidade que nenhum infortúnio externo podia atingir. Bôto criava o seu reino. (Apud KLOBUCKA, 2018, p. 12-13)

¹ Mantivemos a grafia do jornal. Embora tenhamos consultado o exemplar na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, só foi possível checar o título da crônica, pois o texto está bem apagado, o que nos impediu de lê-lo integralmente. As citações aqui apresentadas foram retiradas do livro já citado, de Anna Klobucka.

Drummond capta um aspecto que vai ser justamente o objeto de estudo de Klobucka. Trata-se da sua permanente tentativa de autoinvenção, que a investigadora relaciona ao anseio de Botto para vivenciar uma identidade pública *queer*. Em outras palavras, esta autoinvenção seria motivada pelo desejo de construir ao seu redor uma complexa realidade virtual, em escala internacional, na qual, tanto sua poesia homoerótica, quanto sua imagem de homossexual não provocasse zombaria e menosprezo, mas admiração e respeito. Klobucka sugere, a meu ver acertadamente, que é a este mundo que se refere Carlos Drummond de Andrade com a expressão “seu reino”.

Além das crônicas de Drummond, Klobucka (2018, p. 243) enfatiza uma outra amizade muito especial de Botto, como parte integrante da realidade vivida intensamente por ele no Brasil. Trata-se da amizade de Botto com Lúcio Cardoso (1912-1968), famoso autor do livro *Crônica da Casa Assassinada* (1959). Para Klobucka, o relacionamento de ambos poderia ser tomado como uma das principais experiências de Botto no Brasil que contribuiu efetivamente para a reconstrução de uma espécie de “homopaisagem”, traçada por ele em seu exílio voluntário.

Não se trata de uma relação bem documentada. Botto não chega a ser nomeado, no *Diário Completo*, escrito por Lúcio Cardoso e publicado em 1970, nem na recente e ampliada edição de *Diários*, publicada em 2012, na qual há apenas uma única menção ao escritor português. Porém, no espólio de Botto, encontram-se vários indícios de uma cumplicidade afetiva entre ambos.

Klobucka rastreou algumas dessas evidências da amizade especial, sugerindo mesmo um caso amoroso mais intenso, embora secreto, entre os dois escritores. Entre esses indícios, destacam-se diversos poemas manuscritos de Botto, dedicados a Lúcio Cardoso, como a série denominada “O poeta adoeceu”. Num deles, Botto refere-se explicitamente, por meio de imagens, às dificuldades de Lúcio Cardoso para vivenciar sua homossexualidade:

Caro Lúcio Cardoso, a fantasia
Quando excessiva e sem realizar,
Pode entrar nessa doida covardia
De ninguém mais em nós acreditar.
Prometes, tudo entregas, na orgia
Que te empresta a noção de lupanar,
E quem gosta de ti sempre confia
Naquilo que prometes a faltar.
[...]

(KLOBUCKA, 2018, p. 238)

De fato, Lúcio Cardoso nunca expôs publicamente sua condição, vista por ele como uma espécie de pecado ou falha, o que o impedia de escrever abertamente sobre o tema, mas também ele, por sua vez, dirige a Botto alguns apontamentos

bastante significativos, reveladores da cumplicidade que havia entre ambos, dos quais o mais importante é o seguinte:

Fernando Pessoa teve sua primeira glória geral no Brasil [...], numa terra que ainda não o ama totalmente [...]. Você, Botto, ainda é mais difícil, porque o laço espiritual virou laço físico: você une dois povos, que apesar dos ditos, são bem diferentes. Só os poetas unem – e você, português, é hoje tão brasileiro, que é imprescindível. Vale?

Pela 1ª vez o espírito de emancipação – AMÉRICA – converteu-se em Pessoa e Botto no sinônimo do exílio: BRASIL. Você realizou exílio. A “Ode Marítima” é um anseio. O que Nobre anunciara “Antes fosse pró Brasil” é a Pasárgada que Pessoa visionou e você realizou. (KLOBUCKA, 2018, p. 239)

Entre outros indícios de um relacionamento afetivo mais significativo para Lúcio Cardoso do que a amizade pública que ele tenha demonstrado por Antônio Botto, está um poema que o escritor brasileiro dedicou ao amigo português, no dia de sua morte, o qual foi publicado cinco dias depois no *Diário Carioca*:

Anoitecendo nesse dia
sem a aurora da Pátria:
poeta, se existia,
que outro?

Inventava o soneto,
inventava o exílio,
inventava o dia.

O dia, inventava,
onde o nome chamado
nesta circunstância?
O que existe some,
mas agora, inexistindo,
que nos consome?

Morrer basta? Hasta
de carne apodrecendo.
Poeta é isto – ir sendo
nesse dia de todo mundo.
Resplandescendo.²

² “Poema de Lúcio Cardoso no dia da morte do poeta”, in *Diário Carioca*, 22 mar. 1959, p. 3. (KLOBUCKA, 2018, p. 242)

O paradoxo que abre o poema de Lúcio Cardoso, reforçado pela metáfora “aurora da Pátria”, com os quais se refere ao poeta e amigo lusitano, traz ao leitor os conflitos e o afeto vivenciados pelo próprio escritor brasileiro em relação a António Botto. Com a morte do amigo, o dia se faz noite e o eu-lírico a ele se reporta enaltecendo-o como poeta singular a nenhum outro comparável. O tom épico lembra muito o Pessoa de *Mensagem*, o que se torna ainda mais significativo se nos reportarmos ao fato de que o poeta modernista foi um dos primeiros críticos a impulsionarem favoravelmente a obra poética de Botto. Tal como os personagens recriados em *Mensagem*, o poeta António Botto é tratado como uma espécie de herói – de fato, ele vivenciou uma trajetória de herói, ao buscar superar as barreiras intransponíveis do preconceito e da rejeição por conta da sua condição gay – que se transfigura, graças ao seu destino e sua arte, em mito, após superar as barreiras da matéria, para resplandecer transfigurado de além, em sua obra de arte. Cumpre-se, assim, uma espécie de destino assumido pelo próprio poeta, explicitado nos versos que utilizamos como epígrafe a este texto: “Não me revolto, / Nem desespero. / – Quero morrer em beleza” (BOTTO, 1975, p. 104).

Diante das qualidades estéticas inegáveis da obra bottiana, é forçoso concluir que a sua ausência no cânone da poesia portuguesa do século XX resulta do preconceito e da intolerância em relação a um dos pontos essenciais da sua poética, que é o homoerotismo. Não inteiramente reconhecido ainda hoje, Botto ousou, no início do século XX, ultrapassar as fronteiras da heteronormatividade, com a criação de uma obra original e inconfundível, cuja relevância levou Jorge de Sena a reconhecê-lo como “mestre de novas dicções poéticas” e sujeito de uma “carreira literária triunfal, apesar das reservas e dos ataques moralistas à audácia homossexual da sua poesia erótica” (SENA, 1983, p. 65).

Qualquer avaliação crítica, hoje, acerca das qualidades estéticas da produção lírica de António Botto não pode estar desvinculada da compreensão de que a busca da beleza, em sua arte poética, também significa a busca pelo reconhecimento do direito de expressar o homoerotismo. Botto ansiava por expressar sua condição de homossexual, intrínseca à sua identidade, tanto como indivíduo social, quanto como sujeito poético. O homoerotismo é a pedra de toque na sua busca pela beleza, tanto na vida quanto na arte, constituindo um dos principais elementos estruturadores de suas composições poéticas.

Mas Botto também ansiava por um mundo onde pudesse viver de maneira natural sua identidade de sujeito gay. Deparando-se continuamente com o preconceito e a rejeição, teve que se exilar na arte. O exílio voluntário, no Brasil, foi um desdobramento da busca desse mundo ideal, onde pudesse conciliar arte e vida. Os anos que Botto passou no Brasil tendem a ser referidos como tristes e miseráveis, uma experiência falhada, finalizada por uma morte trágica. Mas eles são essenciais para a compreensão de um exílio inventado por Botto, em busca de

uma experiência da beleza de uma vida com dignidade e respeito à sua condição, o que confere à sua experiência poética uma dimensão profundamente humana.

FERNANDES, M.L.O. In search of beauty: António Botto's exile. **Itinerários**, Araraquara, n. 58, p. 129-140, 2024.

■ **ABSTRACT:** *Botto's aestheticism, abundantly emphasized by two of the critics most committed to pointing out the qualities of his poetry, Fernando Pessoa and José Régio, constitutes one of the most relevant aspects of his lyricism and stems from the desire to create beauty through art. To this incessant search for beauty corresponds a constant experience of exile. The purpose of this presentation is to highlight at least three different meanings for both the term "beauty" and the term "exile" invoked in the title. Both can be read in a more abstract sense of an ideal of life, which hovers above the hardships of the real world. Both can be related to the poet's work, in search of a singular language that effectively expresses his lyrical identity, his worldview and aesthetically identifies his work. And both can be related to the search for an effective space in which a human being seeks to find the necessary conditions for a dignified life, even far from his country of origin. All these connotations will be woven into this text.*

■ **KEYWORDS:** *António Botto. Exile. Aestheticism. Homoeroticism. Portuguese lyric poetry.*

REFERÊNCIAS

BOTTO, A. **As canções de António Botto**. Lisboa: Ática, 1975.

KLOBUCKA, A. M. **O mundo gay de António Botto**. Lisboa: Documenta, 2018.

PESSOA, F. António Botto e o ideal estético em Portugal. In: _____. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 348-356.

RÉGIO, J. **António Botto e o amor**, seguido de críticos e criticados; ensaio. Porto: Brasília Ed., 1978.

SENA, J. de. António Botto. In: _____. **Líricas portuguesas**. Lisboa: Edições 70, 1983, v. 2. p.65-67

